

Jornalistas da morte

Repórteres de jornais cariocas vivem a banalização da morte no dia a dia da cidade

JOANA DALE, MARIA LINDENBERG E RODRIGO COSTA PEREIRA

Um grupo animado, dando gargalhadas, ao lado de 37 covas abertas no Caju. A cena pode parecer, no mínimo, bizarra, mas a diversão diante da morte alheia é uma das formas encontradas por jornalistas que enfrentam diariamente a violência do Rio. Situações como o enterro de um menino de sete anos, vítima de uma bala perdida da guerra entre traficantes e policiais, ou a rebelião na Casa de Custódia de Benfica, que resultou na morte de trinta detentos, passam a ser banalizadas por esses profissionais.

Bruno Menezes, repórter policial do jornal O Dia desde fevereiro de 2003, é um dos jornalistas que foram ao Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, para noticiar o enterro dos presos mortos na rebelião de Benfica. Coincidentemente, os profissionais das equipes de rádio, TV e jornal somavam 37, o mesmo número de covas abertas. Como os corpos não chegavam ao local, eles não hesitaram em brincar com a situação.

– Lembro-me de ter gargalhado várias vezes dentro do cemitério. Fazer o quê? A pessoa morreu e não é da sua família. Ainda mais



Jornalistas no Caju à espera de cadáveres

no Caju, que tinha 37 covas, nós éramos 37 e nenhum morto apareceu naquele dia. Ficamos dizendo que íamos deitar nós mesmos para tirar uma foto só com os pés para fora da sepultura. Acabamos fazendo uma fotografia, mas de pé – conta Bruno, 22.

“Presunto era a forma como todos no O Povo se referiam aos mortos e acabei adquirindo a gíria que, no fundo, acho de mau gosto”

Florencia Mazza

Segundo ele, a banalização da morte é inevitável para que os

jornalistas da editoria de polícia continuem a trabalhar normalmente:

– Se o repórter se preocupar com esse tipo de situação, não consegue fazer mais nada – explica o jovem repórter, formado há um ano e meio pela Universidade Estácio de Sá.

Com apenas um mês de jornal, Bruno cobriu seu primeiro enterro: o da aposentada Aury Maria do Canto, 70, que morreu no incêndio de um ônibus em Botafogo, depois de um ataque a mando do traficante Ferdinando Beira-Mar.

– O fotógrafo que estava comigo falou gracinhas para a neta dela! A menina respondeu que sua avó era a morta. Ele se justificou dizendo que fotografava enterros todos os dias. Nessa hora, já estava com vontade de botar a



Como noticiar sem invadir a dor alheia?

minha cara dentro do caixão, de tanta vergonha. Depois do expediente eu e o fotógrafo acabamos rindo da história enquanto tomávamos uma cerveja no bar – relata Bruno.

Os jornalistas referem-se aos mortos como presuntos

O repórter viveu dezenas de casos como este e foi aprendendo com as novas situações – e com os colegas mais experientes – a tratar a morte com indiferença. É o caminho natural de jornalistas que trabalham na editoria de Cidade ou Polícia. Florença Mazza, 24, ex-estagiária do jornal O Povo e que hoje trabalha no Jornal do Brasil, aprendeu a se referir aos mortos como “presuntos”.

– Esse é um termo bastante utilizado por quem trabalha com jornalismo policial, o que não deixa de ser um reflexo da banalização da morte para quem está acostumado a lidar com ela no dia a dia. “Presunto” era a forma como todos no O Povo se referiam aos mortos e acabei adquirindo a gíria que, no fundo, acho de mau gosto – diz Florença, que se formou em 2002 pela UniverCidade.

A primeira vez que Florença

enfrentou a morte a trabalho foi em um plantão de sábado. Foi uma experiência chocante: a jornalista teve que escrever sobre dois corpos carbonizados dentro de um carro no Rio Comprido. No local, o repórter fotográfico que a acompanhava chegou a sugerir que ela ficasse dentro do carro, mas, por acreditar que boa parte do trabalho do jornalista está justamente na observação, Florença encarou a cena.

“As pessoas na favela já encaram a morte de um parente ou vizinho como um fato normal de seu cotidiano”

Bruno Menezes

– Confesso que fiquei assustada. Não só pelos cadáveres que teria de ver, mas também por não saber exatamente como proceder, o que perguntar. Não sabia se manteria equilíbrio suficiente para apurar bem a matéria. Concentrei-me na apuração e reagi, até certo ponto, tranquilamente. Lembro que aquela imagem ficou por muito tempo na minha cabeça. Especialmente o cheiro, de carne queimada, que não conseguia esquecer. Naquele dia, quando cheguei em casa, lavei toda a roupa, os cabelos, mas o cheiro não saía. Parecia estar impregnado em mim – lembra a repórter.

Florença não sabe exatamente quando passou a se acostumar com esse cotidiano. Uns casos a

chocavam mais, outros menos, até que um dia ela se deu conta de que já tinha banalizado a morte dos personagens de suas matérias:

– Estava cobrindo o velório de um pastor evangélico que foi morto por um policial. A família e os fiéis estavam revoltados com a morte. O jornal me enviou cedo para São Gonçalo e acompanhei tudo. Cerca de duas horas depois, me peguei pensando:

– Esta história já está começando a demorar demais. Podiam enterrar logo este corpo para poder voltar ao jornal, almoçar e bater a minha matéria.

Depois me dei conta do absurdo que estava pensando. As pessoas tinham acabado de perder um ente querido e eu pensando no almoço!- confessa.

Psicóloga afirma que a banalização da morte por jornalistas é natural

A psicóloga Carmem Nabuco lembra que cobrir uma guerra entre traficantes, no Rio de Janeiro, é expor a vida. Assim como os policiais cada vez mais fazem incursões nos morros em busca de criminosos e de seus arsenais. São situações tão corriqueiras que já não causam calafrios nesses profissionais. A morte é vista como fruto de uma situação de trabalho.

– Os jornalistas lidam com a morte de forma tranquila e sem traumas, pois já incorporaram estes fatos à inerência do trabalho. Isso pode causar surpresa para quem vê essa situação de fora, mas eles não só convivem como estão expostos a isso. A

profissão faz com que o jornalista coloque sua vida nas mãos da sorte – afirma a psicóloga.

Morte também é encarada com naturalidade em comunidades carentes

No território dominado pelos traficantes, onde muitas comunidades vivem nos morros cariocas, também ocorre a banalização da morte pela própria população. O repórter Bruno Menezes teve a prova disso no sepultamento de um menino de sete anos, atingido por uma bala perdida num baile de carnaval na Vila do Cruzeiro, onde os risos rolaram soltos.

– Um homem enorme subiu em uma cova para ver o enterro, acho que era o fotógrafo de outro jornal, e outras pessoas foram atrás dele. De repente, todo mundo caiu dentro da cova. Foi tão engraçada a cena que até a mãe do menino morto riu. A tia dele falou:

– Até no dia do enterro o Vintinho faz todo mundo rir.

As pessoas na favela já encararam a morte de um parente ou vizinho como um fato normal de seu cotidiano – avalia Bruno.

De acordo com a socióloga e professora da PUC-Rio, Aparecida Marinho Abranches, a morte está banalizada na sociedade carioca devido à desfuncionalização das instituições que deveriam cuidar para que os valores fossem mantidos. Na avaliação de Aparecida, o sentimento de respeito em relação à vida como algo que não deva ser violado, a própria sociedade produz essa norma vigente, mas por outro lado recla-



A publicação de fotos como essa na primeira página gera polêmica entre editores

ma instituições que exerçam autoridade na vigilância.

– Se essa instituição não tem prontidão, não é eficiente no que diz respeito à punição dos violadores, então acontece de fato uma corrosão nos valores que a própria sociedade produz. O que leva as pessoas a verem a morte como algo banal é a ineficácia do Estado – analisa a socióloga.

Ela lembra que a Baixada Fluminense, nos anos 1980, era um local muito perigoso, violento. Os corpos eram desovados ali, as pessoas acordavam e viam um cadáver, mas ninguém sabia se teria investigação policial, se se chegaria aos criminosos ou se a família seria avisada. As pessoas não acompanhavam o processo e a consequência disso é uma descrença, do tipo “não tem jeito”.

Desafio: manter sensibilidade e razão

Florença acredita que mesmo diante de um dia-a-dia escuro numa cidade carente de segurança, os jornalistas não podem permitir que a profissão os transforme em “monstros” também porque o

repórter deve preservar sua sensibilidade em equilíbrio com a razão. Para ela, esse é um dos grandes desafios do jornalismo.

– Vivemos de ouvir as pessoas, a história de cada um e, para reproduzi-las, é fundamental que tenhamos sensibilidade. Quando faço uma matéria, mantenho um distanciamento de tudo o que está acontecendo, mas é preciso, acima de tudo, lembrar que você está falando com seres humanos que estão passando por um momento difícil – afirma Florença.

Os jornalistas mais calejados ainda se chocam diante de cenas horríveis, como um corpo sendo carregado no carrinho de mão por policiais nas ladeiras da Rocinha e parentes gritando atrás, ou uma mãe desesperada sentada no tapume manchado com o sangue do filho atingido por uma bala perdida no Pavão-Pavãozinho. Mesmo sabendo que esses fatos rendem manchetes em primeiras páginas no dia seguinte.

– Luto bastante para não perder a capacidade de me indignar com os fatos – conclui Bruno Menezes.

